

## Individações em linhas ético políticas<sup>1</sup>

Luiz Benedicto Lacerda Orlandi  
Professor, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.  
E-mail: benadrecal@gmail.com

**Resumo:** A partir da noção de individuação ético política o texto explora a coextensividade entre o indivíduo em devir, os processos de sua individuação e o do campo problemático implicado.

**Palavras-chave:** Deleuze, Simondon, individuação, ética, potência.

### *Individuations on ethical political lines*

**Abstract:** Considering the notion of ethical-political individuation, the text explores the coextensivity between the individual in becoming, the processes of his individuation and that of his problematic field.

**Key-words:** Deleuze, Simondon, individuation, ethic, power.

Como epígrafes da minha pequena intervenção nesse providencial encontro, gostaria de anotar a síntese de um quadro tenebroso e a passagem de uma linha ética por esse quadro. Eis a síntese que componho com palavras de Mbembe: *talvez seja possível dizer, sem maniqueísmo, que a imensa maioria dos humanos está excluída de uma 'soberania' entendida como 'poder' e 'capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer'* (2018, p. 5)<sup>2</sup>. E extraio uma linha ética da seguinte frase de Gilles Deleuze: "a questão que se encontra numa visão ética do mundo é sempre de poder e de potência, e não de outra coisa" (1968, p. 247).

Como desempregados ou meros dependentes dos nossos empregos ou aposentadorias, é quase certo que fazemos parte dessa imensa maioria ameaçada. Pois bem, justamente por estarmos disseminados nela e expostos ao extermínio, é que somos levados a escolhas difíceis: por exemplo, mantermo-nos indiferentes (mas sempre correndo o risco de estarmos vestindo uma indiferença criada de fora); por outro lado, em vez da indiferença, podemos ser convencidos a ajudar ou a atrapalhar os *planos*, as *publicidades* e as *práticas* inimigas, isto é, a atrapalhar ou ajudar as multiplicidades inimigas nas quais são costurados os elos da soberania dotada de tão medonho poder de morte sobre nós outros.

Então, como participe imerso na imensa maioria, vivo exposto a envolver-me com linhas capazes de me individuar como indiferente, indiferente até mesmo àquilo que os mais poderosos venham a fazer de mim. Mas posso, também, ser tomado por linhas que suscitem em mim uma *pergunta* capaz de variar os dramas das minhas individuações; pode passar por mim a seguinte pergunta, por exemplo: o que vivo *praticando*, *admirando* e *planejando*, ajuda ou atrapalha a potência do meu viver aqui e agora no planeta Terra? Quando a pergunta é lançada na direção daquela soberania do poder de morte, ela pode ser enunciada assim: o que vivo praticando, admirando e planejando ajuda ou atrapalha o soberano poder de exterminar humanos, de sucatear viventes?

Recebido em 10 de janeiro de 2019. Aceito em 11 de março de 2019.



Embora aqui simplificado, esse quadro apocalíptico sugere a necessidade de continuarmos atentos a uma tarefa transdisciplinar que já vem recebendo cuidados em toda parte. Pode-se dizer que essa tarefa insufla cada ciência tradicional a desovar-se, a disseminar-se em miríades de ciências menores, de ciências problemáticas, como diria Deleuze. Problemáticas, porque tais ciências se processam em consonância com variáveis, sim, mas sem a pressa de submetê-las a uma constante mantida como indiferente a singularidades em fuga. Os novos questionamentos, ditos minoritários, são intensificados justamente pelos rastros de uma fuga. E como é preciso estar atento aos rastros fugidios, a tarefa transdisciplinar efetua-se através de modulações que lhe são inspiradas pela abundante variação de cartografias das incidências dos rastros de resistência criativa.

E no caso daquele quadro apocalíptico e sua linha de questionamento ético, o que esperamos encontrar cada vez mais são cartografias da dramaticidade das linhas ético políticas de individuação, linhas que fervem e gritam suas críticas em plena vigência de uma soberania dotada dos poderes de sucateamento de viventes. Só assim teremos uma ideia mais precisa das conexões dos viventes com essa soberania, suas perguntas, suas indiferenças (as próprias e as insufladas de fora), suas adesões e suas resistências (nas práticas, nas admirações e nos planos).

...

Os leitores da ideia simondoniana de individuação já perceberam que a intenção desta fala é valorizar a intromissão ético política nesse território filosófico e científico. Por isso, foi empregada a expressão: linhas de individuação ético política. Isso é compreensível, desde que se considere a dinâmica inseparabilidade de um cofuncionamento: o do indivíduo em devir, o dos processos de sua individuação e o do campo problemático implicado. Apesar de ser genericamente compreensível a participação de mil e uma linhas nos processos de individuação, quero apenas salientar o que há de dramático nessa interferência ético política. Essa dramaturgia foi como que anunciada quando escrevemos em itálico os verbos *perguntar*, *praticar*, *admirar* e *planejar*, ou quando, oralmente, chamamos a atenção para eles. O que parece haver de estranho nos verbos incorporados, nos verbos em ato, nos verbos em ações corpóreas é que seus infinitivos são fractalizados de tal modo que suas vibrações tornam possível uma impressionante gama de modulações. Isso permite pensar que essa dramaturgia, implicando dinamismos espaço temporais, é geradora do desencadeamento de eventualidades interessantes, de eclosões de novos estilos de resistência. A sensibilidade está exposta a esses dinamismos, de modo que as linhas efetuatoras de verbos combatentes, quando investidas em processos de individuação, são impregnadas de afetos e decisões a serem tomadas num jogo de forças, como quando alguém pergunta: que será de mim agora? que posso fazer em relação a tal coisa? será realmente boa essa proposta? que devo fazer para que tal medida dê certo ou seja anulada? Essa micro cascata de perguntas já emite um sinal de estar em curso uma ideia de individuação ético política certamente mais dramatizada do que quando alguém pergunta, por exemplo: “a qual candidato a presidente daremos nossos votos, meu caro pastor?”

Não me ocorreu à toa esse pequeno confronto entre um cidadão mais cuidadoso com sua individuação ético política e um eleitor do tipo crenteatado, que assume uma espécie de linha de individuação religiosa e política por sujeição ao pastor. Com efeito, esse confronto corresponde a uma espécie de prazer suscitado por uma pergunta que Deleuze e Guattari formulam ao se apropriarem de uma frase de Espinosa, tida por eles como enunciadora do “problema fundamental da filosofia política” (1972, p. 36-7). Com sua forma interrogativa, a frase escrita por Espinosa no § 2 do Prefácio do seu *Tratado Teológico Político* é esta: “Por que os homens combatem *por* sua servidão como se da sua salvação se tratasse”? Em *O anti-Édipo* essa frase acompanha a elaboração de uma nova teoria do desejo como princípio de produtividade imanente ao natural, ao social e ao histórico.



Anteriormente, Deleuze havia retido essa frase ao escrever *Spinoza et le problème de l'expression* (1968, p. 249-250). Em certo momento, ao aproximar mais uma vez Espinosa de Lucrécio, ele diz que ambos atribuem “ao filósofo a tarefa de denunciar tudo o que é tristeza, tudo o que vive da tristeza, todos aqueles que têm necessidade da tristeza para assentar seu poder”. É então que ele anota um trecho de Espinosa que contém aquela frase: “O grande segredo do regime monárquico e seu interesse vital consistem em enganar os homens travestindo o medo sob o nome de religião, para mantê-los sob rédeas curtas; de maneira que eles combatem pela sua servidão como se da sua salvação se tratasse”. Esse recorte flagra uma linha de individuação por tristezas. O que aí está em pauta é o “objeto prático da filosofia”, um esforço para “desvalorizar as paixões tristes” e “denunciar os que as cultivam e que se servem delas”; em contrapartida, é afirmado que “o único mandamento da razão, a única exigência da *pietas* e da *religio* é encadear um máximo de alegrias passivas com um máximo de alegrias ativas”. Por que isso? Porque “só a alegria é uma afecção passiva que aumenta nossa potência de agir; e só a alegria pode ser uma afecção ativa”. Sendo propriamente ético, o sentido da alegria está em ela “ser para a prática o que a própria afirmação é para a especulação”, com o que se flagra uma linha de individuação por alegrias e esforços mentais (Deleuze, 1968, 251)<sup>3</sup>.

Quando leio essas coisas, fico pensando que Zumbi dos Palmares e seus companheiros foram “ao extremo do que podiam” e, assim, deram radical consistência a uma “tarefa propriamente ética”: é que seus corpos “estenderam sua potência de agir tão longe quanto puderam”. Em contrapartida, um corpo explorado em excesso ou deixado à míngua corre o risco de sofrer uma separação do seu próprio poder de ser afetado e da sua “potência de agir”; em consequência, ele vive “separado do que pode”, exposto, portanto, ao sucateamento e ou aos horrores de uma soberania genocida. De algum modo, Zumbi e seus companheiros continuam emitindo intensivos sinais às linhas de individuação ética e política. É que vivemos entre o que eles fizeram e os riscos de vivermos separados do que podemos. Donde uma pergunta que se reitera nos processos de individuação ético política: que posso fazer com aquilo que as condições e os outros andam fazendo de mim?

## NOTAS

1. Texto apresentado durante o COLÓQUIO INTERNACIONAL GILBERT SIMONDON: OS SENTIDOS DA INDIVIDUAÇÃO, realizado no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, de 05 a 07 de dezembro de 2018.

2. Achille Mbembe, *Necropolítica - Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*, tradução brasileira da tradução inglesa do lamba por Libby Meintjes (em: *Public Culture*, vol. 15, n. 1, 2003, pp. 11-40) de Renata Santini, publicada, por sua vez, em *Arte & Ensaios*, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ e republicada em n-1 edições, São Paulo, maio de 2018, p. 5.

3. Deleuze está lendo o *Tratado teológico-político* de Espinosa na tradução francesa de Madeleine Francès e Robert Misrahi, publicada em Espinosa, *Oeuvres Complètes*, Pléiade, p. 662-964.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. *Spinoza et le problème de l'expression*. Paris: Minuit, 1968.

DELEUZE; G & GUATTARI, F. *L'Anti Oedipe - capitalisme et schizophrénie 1*. Paris: Minuit, 1972.

ESPINOSA, B. *Tratado teológico-Político*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MBEMBE, A. *Necropolítica - Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. N-1 Edições: São Paulo, 2018.

